

O QUE ELE SABE PODE MATÁ-LO.

# ISTO É GOMORRA

TOM CHATFIELD

PERFEITO  
PARA OS FÃS DE  
*PEREGRINO*

«Um thriller tecnológico  
magistral e arrepiante.»

*Publishers Weekly*

TOP  
SEL  
LER

*Para a minha mulher, sempre*

## JANEIRO DE 2014

Começaram por ser primos. Agora, são irmãos — unidos neste momento de terror e esperança. Têm ambos 19 anos, com um mês a separá-los; porém, são ambos homens que seguram firmes as rédeas do mundo.

Hamid vê a sua respiração a pairar no ar. Está frio, algo que chegou a pensar ser impossível naquela região. Quando ainda estava no seu país, partia do princípio de que a Síria fosse como o Egito nos filmes de Indiana Jones — areia esaldante, uma luz incandescente no deserto, habitantes locais sorridentes e gratos. Agora, é este o seu desbloqueador de conversa com os cidadãos mais aterrorizados da República Islâmica: apontar para as luvas que traz nas mãos, fingir surpresa e dizer a palavra para frio, *barid*, enquanto ergue o sobrolho. Assim que percebem que ele não está a culpá-los pelo frio, os seus interlocutores acabam sempre por soltar uma gargalhada. Nervosa.

A sua unidade luta para consolidar o controlo da cidade. Estão a ganhar. Artilharia pesada — a artilharia pesada que equipa os seus companheiros, trazida do Iraque, manejada por soldados a sério que lutaram ao comando de Saddam — faz

tremer periodicamente primeiro o ar e depois a terra. Hamid foi obrigado a crescer rapidamente. Fecha os olhos e ali estão eles: braços e pernas perdidos nos escombros, o sangue, a amálgama detonada de vidas ceifadas. Nada daquilo se assemelha tanto a um filme como ele esperava.

Contudo, no geral, não se pode queixar da vida. A violência e a camaradagem combinam com o seu feito. Há recompensas, esperadas e inesperadas. Drogas e mulheres não faltam, se bem que com alguns limites: narcóticos dentro de portas, em casas usadas pelas tropas que patrulham as rotas do tráfico, sexo entre portas com mulheres escravizadas com esse propósito. Após algum incentivo de recrutas mais experientes, começou a desfrutar das duas coisas. Hamid, ao contrário do primo, é um combatente. Kabir está mais habituado aos teclados do que às armas de fogo.

Mas a verdade é que a Internet é tanto uma prioridade como uma bênção nesta guerra. Hamid e os outros estrangeiros têm à disposição redes sociais, jogos online, creme de chocolate para barrar e boas roupas de inverno. Eles são os especiais: porta-estandartes de uma vaga global. Em breve, ele e os seus irmãos de uma centena de países diferentes vão poder comer *fast food*, conduzir carros velozes, rezar e disparar *Kalashnikovs* bem oleadas juntos. Vão envelhecer cobertos de honras pelo fulgor das suas vitórias. Assim que terminarem de capturar esta cidade fria e poeirenta, eliminarem as forças rebeldes remanescentes e tomarem a região de assalto.

Hoje, houve uma crucificação. Foi a primeira a que assistiu. Hamid sonda a sua consciência à procura de choque — e o seu estômago à procura do mal-estar que sentiu quando assistiu à sua primeira decapitação —, mas não encontra nada. Talvez porque, desta vez, a cabeça da vítima não tenha sido posteriormente empalada numa lança. Mas a verdade é que ele sente que está a progredir. Como se adivinhava, a experiência começa a ser sinónimo de sabedoria. Oxalá conseguisse exercer

o mesmo domínio sobre o vício do tabaco, que é proibido. Só chorou uma vez desde a sua chegada em novembro, quando um jovem foi condenado a receber 20 chicotadas em público por ter na sua posse um maço de *Akhtamar Classic*. Foi angustiante ver aquele precioso tabaco a ser feito em pó.

Neste momento, Hamid está com os nervos à flor da pele, passando a arma de uma mão para a outra, sem saber muito bem para onde apontar. Espera o sinal para avançar a partir do seu abrigo atrás de um prédio de habitação meio destruído nos arredores da cidade; os buracos nos tijolos de cimento semelhantes a dentes podres. Mentalmente, executa uma rotina que lhe proporciona algum conforto nestas alturas de tédio e medo. Imagina-se a acender um cigarro *Lucky Strike*, a dar uma passa e a expelir o fumo pelo nariz para disfarçar o cheiro a queimado e a sangue derramado que empestam aquele lugar.

No momento seguinte, está morto.

A testa de Hamid dá de si, colapsando sobre um buraco aberto pela bala do atirador furtivo que acabará por sair pela nuca. Estranhamente, o seu corpo demora algum tempo a cair para o lado, tombando como o de um bêbedo sobre a poeira e o asfalto.

Gritando improperios e atirando-se para o chão, os homens à sua volta tentam ripostar, mas é debalde. Só Kabir permanece imóvel, com os olhos postos no peito e nos membros inertes, na expressão de surpresa e no crânio a sangrar do primo. Aquilo não devia ter acontecido, sussurrou uma voz infantil na sua cabeça. Será que o inimigo não sabe que está a ser desmanchar-prazeres?

Mais projéteis a alta velocidade perfuram a zona e as construções circundantes. Há homens aos gritos. Kabir consegue finalmente desviar o olhar e arrastar-se para um local mais seguro, brandindo o seu *iPhone* à medida que se afasta — captando imagens do cadáver do primo. Com alguma sorte, o ângulo certo vai conseguir sublimar a cena para a posteridade.

A sua formação foi muito explícita neste aspeto. Todas as vidas, todas as mortes, passaram a ser mensagens que devem ser transmitidas. Basta colocar nas redes sociais e esperar pelas partilhas.

# CAPÍTULO 1

Aqui fica uma dica de profissional: na vida, tal como no software, devemos começar sempre pelas Perguntas Frequentes. Assim, evitamos passar por idiotas mais tarde.

Estas são as três perguntas fulcrais para ficarmos a conhecer Azi Bello. Quem diabos é ele? O que é a Darknet? O que se passa com o mundo moderno?

Vamos responder por ordem inversa.

Não há muita coisa intrinsecamente errada com o planeta neste ano de 2014 que um camponês medieval não reconhecesse de realidades para si tão presentes como a fome, a violação e a pilhagem. Graças a alguns séculos de engenho humano sem paralelo, todos passamos o nosso tempo a fazer o que antigamente estava apenas ao alcance de alguns: ler, escrever, transacionar, falar mal das celebridades. Contudo, a verdadeira novidade reside no facto de tudo, desde a pornografia infantil, às drogas, às armas mortíferas e às ideologias ainda mais mortíferas poder ser acedido *on demand* a partir de vários milhares de milhões de secretárias e de bolsos.

É esse o cerne das chamadas Darknets. São os locais aonde vamos para obter aquilo que a sociedade não quer que

obtenhamos: o lado obscuro da Internet, escondido à vista de todos, acessível através de ferramentas que, se bem usadas, ocultam convenientemente a nossa identidade e localização, assim como as pessoas com quem partilhamos pornografia de desinformação islamita de extrema-direita nazi. Más pessoas, bons tempos.

Naturalmente, o software mais popular para fazer isto foi criado pela Marinha norte-americana. Como alguns piratas informáticos gostam de dizer entre dentes, não há nada que dê mais prazer ao governo dos Estados Unidos do que lixar os rivais globais do seu complexo industrial militar e de vigilância. O que têm em comum os dissidentes chineses, os combatentes pela liberdade iranianos, os cromos neozelandeses que se dedicam ao tráfico transoceânico de drogas leves e o departamento de aquisições discricionário do governo norte-coreano? Todos usam The Onion Router, também conhecido pela designação Tor: um software fácil de descarregar que oculta todos os nossos cliques sob dezenas de transmissores digitais entre servidores anónimos. É como uma cebola, se as cebolas fossem redes de alcance mundial: camada após camada de ocultação compactada. E também ele já fez verter algumas lágrimas.

O anonimato é a teoria. Na prática, a menos que um utilizador saiba o que faz, é como se criasse um *website* com o seu nome completo, morada e um GIF chamativo onde se pudesse ler *NSA, podem vir prender-me!*. O anonimato não é garantia de segurança. Na Internet, ninguém sabe que somos uns cães raivosos — mas o rasto de biscoitos em forma de osso que termina na porta de nossa casa é um bom indício disso mesmo.

Perguntem ao Azi. Apesar de ser um membro da irmandade da pirataria informática (muito poucas senhoras, *trolling* desenfreado e rançoso por género, tampos das sanitas sempre levantados), ele responde por uma versão do seu nome. AZ. As pessoas julgam que se trata de um pseudónimo, porque nenhum especialista cioso da sua segurança no seu perfeito juízo



usaria alguma vez algo relacionado com qualquer aspeto da sua identidade verdadeira online, mas, na verdade, trata-se de apenas dois terços do nome que recebeu 34 anos antes, a sul da zona sul de Londres, no equivalente arquitetónico a um par-dieiro: East Croydon.

Consoante a disposição em que encontrarmos Azi/AZ, manter esta relação próxima com o seu nome próprio pode ser um duplo *bluff* que revela fina astúcia, um galardão de orgulho, uma marca de estupidez ou uma mistura dos três. Azi costuma autodescrever-se como um falhado funcional. Exímio nas grandes ideias, uma nulidade nas pequenas.

Hoje é um bom dia, porque Azi está sentado à secretária a degustar uma das iguarias do restaurante Nando's — meio frango assado com batatas fritas, encharcado num molho Sriracha de assinatura própria, picante ao ponto de nem conseguir sentir a própria cara — e a bebericar uma chávena de café frio enquanto finge ser um neonazi.

Mais concretamente, está no chat de um grupo exclusivo das redes sociais, a fingir ser um membro recente, mas extremamente ativo, de um movimento político global designado por Defiance. O grupo está apostado em proteger o modo de vida ocidental da crescente ameaça do Islão, enquanto possivelmente — mas só possivelmente — desanca nuns quantos indivíduos não-brancos e atribui a culpa dos males da sociedade à Conspiração Transnacional de Minorias Perseguidas.

Lançar o isco ao Defiance é um projeto paralelo no qual Azi trabalha há algum tempo. Se insistíssemos, descrevê-lo-ia como uma obsessão, mas ninguém insiste, por isso finge tratar-se de um passatempo. Regra geral, os nazis são lobos em pele de cordeiro. Os neonazis inteligentes, com ambições a longo prazo que envolvam urnas eleitorais e uma carismática figura de proa alemã tratada afetuosamente por Tomi, são uma categoria de sarilhos à parte.

Uma figura política que se deixa tratar por uma alcunha íntima, inclusivamente pelos inimigos, merece ser temida, na opinião de Azi — e este é pior do que qualquer político britânico afetado. Há hipóteses muito concretas de Tomi poder ter um papel preponderante no próximo governo alemão. A menos, claro, que alguém divulgue de forma anónima informações detalhadas e extremamente comprometedoras sobre ele nos próximos dois meses. O que seria, efetivamente, de lamentar, não?

Azi seria o primeiro a admitir que a sua base de operações não corresponde à imagem típica do covil de um génio. Por fora, é igual a um qualquer barracão de jardim. Por dentro, é igual a um triste e atulhado barracão de jardim, no qual alguém enfiou há muito uma secretária *IKEA* de proporções desmedidas e um par de cadeiras dobráveis, complementadas com o conteúdo de várias lojas de informática em segunda mão — que foi exatamente o que Azi fez. Ouve-se Van Halen em altos berros a partir de duas colunas ocultas. Há portáteis esventrados, PC e discos externos espalhados à volta de três monitores de grandes dimensões, de onde saem metros de cabos. A única cedência ao conforto é o café: uma *Hario V60 Dripper* onde ferve café de um lote *Revelation* da *Union* em cima de uma mesinha de canto minúscula. O seu aroma proporciona a Azi o antídoto para o bafo de pó e ozono proveniente da maquinaria que funciona ininterruptamente.

Azi veste uma camisola com capuz largueirona, um par de ténis e calças de ganga mais puídas pelo tempo do que o desejado pela marca. O visual é rematado por uma barba de meia semana. Passava bem por alguém com menos dez anos, e até bonito, se fizesse a barba e desse um jeito ao cabelo. Mas isso não está nos seus planos a curto prazo. Para ele, o mundo material não passa de um triste amontoado de coincidências maioritariamente infelizes. O que interessa é o que passa nos ecrãs.

Uma prova dessa filosofia de estilo de vida é o candeeiro de pé que Azi tem descurado há mais de 15 anos, com a sua chita

maltrapilha a pender sobre a máquina de café. Outra prova é o facto de duas das pessoas que lhe são mais próximas — piratas informáticos que dão pelo nome de Milhon e Sigma — tanto poderem ser homens como mulheres, adolescentes cínicos ou membros da geração X entediados, sediados em qualquer parte do mundo onde os falantes de inglês e os utilizadores da Internet se cruzem. Palpita-lhe que sejam mulheres e que Sigma tenha um fraquinho pelo enigmático AZ, mas tem a presença de espírito suficiente para saber que isto diz mais sobre ele do que sobre a realidade concreta.

No geral, a vida corre-lhe bem, mesmo que a sua alegada carreira em testes de invasão tenha cedido o lugar ao aliciamento de neonazis. Há três mil e-mails por abrir na caixa de correio profissional ProtonMail de Azi, dos quais ressalta uma série de «assuntos» impacientes do seu principal empregador. Azi começara a contemplá-los com um interesse abstrato — como se se tratasse de um fenómeno natural cuja acumulação fosse uma pena perturbar.

Como estamos em 2014 e os fanáticos de todas as espécies já usam a Internet desde o tempo em que os *browsers* ainda não eram conhecidos, é estranhamente difícil convencer os membros de grupos como o Defiance a admitir que gostariam de ver pessoas de pele morena, negra e — porque não? — judeus repatriados com toda a celeridade, e que quem discorda deles é igualmente descartável. Ao invés, passam a maior parte do tempo a lembrar-se mutuamente para parecerem sensatos, para apregoarem em público que as elites estão dissociadas dos receios económicos mais do que justificados do cidadão comum, e para evitarem a violência, a menos que consigam garantir a sua discrição e contundência.

Por conseguinte, Azi teve de passar vários meses a travar amizade com alguns idiotas úteis que parecem capazes de lhe dar informações pertinentes e de o apresentar às figuras mais

proeminentes na hierarquia, desde que também ele dê indícios de ser o tipo de ideólogo fervoroso disposto a partilhar as suas opiniões entre amigos. E tem uma mais-valia a acrescentar — a garantia de que não está ali para brincadeiras. Armas, drogas e contactos na Darknet. Ou, para ser mais preciso, a promessa prolongada dos sobreditos — porque há limites que não convém ultrapassar, quanto mais transformar em negociatas rentáveis.

Entre dentadas num frango que o faz suar em bica, Azi está ocupado a mostrar uma panóplia de artigos proibidos a um dos jovens mais evangélicos da sua lista de contactos online, um recruta britânico recente de Blackpool chamado Gareth. Este alega trabalhar numa casa de apostas e passar os seus dias a ver organizações de fachada sionista a comprar e vender todo o tipo de imóveis na sua rua principal. Gareth fala também de conspiradores pedófilos internacionais que assumem o controlo dos computadores das crianças e usam as suas câmaras para as espiar em casa — mas, como Azi conhece pelo menos um caso em que isso aconteceu, optou por guardar essa questão específica numa parte do seu cérebro com a etiqueta «preocupar-me com este tipo de merdas atrozes noutra altura». Nos últimos meses, este compartimento passou a estar assustadoramente apinhado.

Para Gareth de Blackpool, Azi não é Azi. É um homem branco e muito bem-parecido chamado Jim. E a história do surgimento de Jim reflete os dois pressupostos mais importantes na filosofia da pirataria informática de Azi. Primeiro, temos de estar tantos passos à frente dos nossos adversários que, basicamente, já ganhámos antes de perceberem que a batalha começou. Segundo, sejam quais forem as suposições ou expectativas que existam, compete-nos eliminá-las. Há que mentir, enganar, implorar, pedir emprestado, distrair e ludibriar.

É este o princípio do pirata informático: desmontar a realidade e voltar a montá-la à sua maneira. Fazem-no pela piada, pela curiosidade nua e crua, pela oportunidade de levar os

outros a parecerem estúpidos e eles próprios inteligentes. Já para não falar que um grupo de neonazis ocupados em fazer do mundo um lugar mais reles merece ser pirateado à grande. Uma dose de verdade íntegra de tal forma avassaladora e comprometedora que até as suas mães lhes virariam as costas.

## CAPÍTULO 2

Azi traçou o seu plano da seguinte maneira.

Há 18 meses, no início de 2013, Azi encontrou uma criança morta. Regra geral, as melhores «inverdades» começam com uma verdade que, neste caso, se consubstanciou no nome de uma criança muito nova cujo tempo de vida estava inscrito numa lápide em Tooting.

James Denison morreu no dia 8 de julho de 1982, com 2 anos e 2 dias. *Filho amantíssimo, eterna saudade, dorme agora com os anjos.* Voltou a nascer no dia 27 de janeiro de 2013, a tempo do seu 33.º aniversário, com uma nova cara e uma nova história contada de trás para a frente ao longo dos tempos.

Como é que um homem de 32 anos aparece assim do nada? Primeiro, Azi procurou as certidões de nascimento e de óbito. Alguma pesquisa — vasculhar nos escombros da vida da sua mãe, o seu nome de solteira — alguns e-mails e cartas bem-intencionados e o Registo Civil tratou do resto. Azi deitara a mão a documentos importantes, e foi assim que começou o trabalho a sério.

Vamos contar uma história. Estamos em abril de 1982, e estala uma guerra numa ilha do Atlântico Sul da qual até semanas

antes nunca ninguém tinha ouvido falar na Grã-Bretanha. A invasão argentina das Malvinas tem como resposta o envio de uma frota de 127 navios alimentada por um orgulho desesperado e pelo oportunismo político. De alguma forma, a 14 de junho, as forças britânicas prevaleceram e a primeira-ministra exultou no seu patriotismo. Estes pormenores são importantes. A precisão é importante para as mentiras que contar nos anos vindouros.

Finais de junho de 1982. Um rapazinho em Streatham, na zona sul de Londres, está doente — muito doente — e ninguém se convence de que pode melhorar. O pai está em parte incerta há mais de um ano. A mãe encontra-se assoberbada com trabalho e preocupação, exausta das limpezas a que se dedica no St George's Hospital. Conta com alguma ajuda da sua própria mãe, mas a situação não tem remédio, porque os rapazinhos não recuperam deste tipo de cancro.

Mas, na nova história de Azi, o rapazinho recupera. Um pequeno caixão vai a enterrar sob uma laje, em Tooting, à qual se juntará a mãe nove anos depois num caixão um pouco maior; mas isto são dados que podemos ignorar. A vida continua.

A década de 1980 está em pleno andamento, a ganância é uma coisa boa e James Denison frequenta a escola. Não para, frequentando locais que, entretanto, já fecharam, ou que estão totalmente diferentes. Uma conta aberta com o endereço de *Gmail* novinho em folha de James começa a aparecer em *websites* e formulários que deixam rasto na escola primária, oito certificados de aproveitamento no ensino secundário, notas máximas em Artes, Francês e Matemática — e depois, para surpresa de todos, um diploma da Universidade de Birmingham. Psicologia, notas medianas, comprovado por um certificado adquirido online a um serviço que o faz parecer mais credível do que os verdadeiros.

Após a morte do seu pai em 1999 — o pai que nunca o contactava, que bebeu até ir parar a uma cama cuidadosamente

procurada em Coventry —, James ficou órfão na iminência da idade adulta. O seu percurso académico não é digno de nota. O tempo passa. A onda do milénio rebenta e desfaz-se na praia, o desassossego do mundo torna-se digital, atormentado pelo terrorismo, o medo regurgitado em espiral. James passa a ser conhecido como Jim, e Jim começa a deixar uma pegada digital mais vincada: empregos anteriores, moradas, uma carreira estagnada na venda de material de escritório. Viaja bastante, mas apenas no Reino Unido: metrópoles com a dimensão suficiente para garantir o anonimato. É um zé-ninguém, mas um zé-ninguém que pode ser pesquisado.

Jim demora algum tempo a aderir à revolução das redes sociais, mas, assim que o faz, torna-se um homem novo. Tem um rosto que é ideal para as redes sociais, o seu cabelo ralo pintado de louro, o maxilar e queixo angulares meticulosamente compostos por Azi a partir de um banco de imagens. Jim está muito bem para a idade. Se semicerrarmos os olhos — e se a nossa adolescência tiver sido passada em finais da década de 1990 —, percebemos que ele dá uns ares de Spike, da série televisiva *Buffy, Caçadora de Vampiros*. As pessoas bonitas atraem mais facilmente as atenções, mas também inspiram confiança e respeito, e Azi está mais do que disposto a usar esses atributos caucasianos para cumprir os seus objetivos.

No *Facebook*, Jim tem 123 amigos que também não existem. Falam sobre política, futebol, comida, música. São *bots*: algoritmos que interagem com outros algoritmos, que seguem, fazem «gosto», regurgitam palavras de outros. Na opinião de Azi, há apenas uma forma de distinguir os *bots* das pessoas reais online: os robots prestam efetivamente atenção ao que os outros robots dizem. Na verdade, o apetite dos *bots* pelas diatribes bem-humoradas e com alvos certos é uma estratégia integralmente vencedora — respostas sem aprendizagem, repetição sem compreensão, a perfeição de uma câmara de ressonância na qual tudo é dito e nada é ouvido.



No que diz respeito a Jim, as suas políticas adquiriram um trazo nacionalista libertário. Odeia os estrangeiros que interferem neste seu país que não soube valorizá-lo. A sua atitude em relação às mulheres pode ser dividida em três categorias: aquelas que quer proteger, aquelas a quem quer dar uma lição e aquelas que precisam de um bom trato. As fronteiras entre estas categorias não são rigorosamente patrulhadas. Jim está zangado com quase toda a gente que recai na categoria de «outros». É o candidato ideal para o Defiance.

Pessoas reais começam a seguir e a contactar Jim: almas gémeas. No dia 6 de julho de 2013, mais de 60 pessoas dão-lhe os parabéns — e um quarto dessas pessoas existe mesmo. Nos bastidores, Azi afadiga-se a criar detalhes para superar as expectativas. Há conteúdo a circular pelo *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Reddit*, *LinkedIn*. É menos aquele que é produzido pelos *bots* do que aquele que é escrito pelo próprio Azi, quando assume e ajusta a sua segunda pele à verdadeira.

Em agosto de 2013, Jim começa a comprar *bitcoins* com um cartão de crédito impossível de rastrear. Utiliza um portátil antigo equipado com o sistema operativo de eleição dos piratas informáticos, *Kali Linux*. Tem um apartado postal falso num edifício vazio, onde o correio é recolhido irregularmente numa entrada vazia. Utiliza o mercado Silk Road da Darknet da rede Tor para procurar as peças finais do seu quebra-cabeças pessoal: carta de condução e passaporte, falsificados a um nível suficientemente bom para enganar olhos de peritos (enganar máquinas é outra questão).

Jim existe. O mundo pesquisa e ali está ele. Armas, drogas, tem tudo isso à disposição. Um conhecimento íntimo destas matérias é necessário para Jim se tornar a pessoa que Azi precisa que ele seja. É fácil se soubermos onde procurar nas trevas, no local que compreende que temos o direito de adquirir aquilo que tivermos dinheiro para comprar. Vinte e oito gramas de marijuana, Caramello: 215 dólares. Um grama de cocaína,

colombiana: 97 dólares. Um grama de *ecstasy*, Mitsubishi branco: 37 dólares. Oxidodona em pacotes de dez: 248 dólares. Um pacote de Adderall: uma pechincha a 6 dólares. Todos os preços estão visíveis juntamente com as taxas de câmbio diárias das *bitcoins*, classificação do vendedor, críticas dos utilizadores e comentários. O capitalismo adora um mercado honesto, e este é um dos poucos locais que a *Amazon* não vai perturbar tão cedo.

Outras pessoas por detrás de rostos falsos falam com Jim durante horas sobre armas, pirataria informática, filmes, política, quem gostariam de foder, durante quanto tempo e com recurso a que instrumentos.

Jim e Azi desempenham as suas funções, e Azi acha impressionante aquilo que podemos dizer quando sai da boca de outra pessoa. Putas e paneleiros e olhos do cu, foder e *fistar*, homicídio e suicídio; punhetas e lágrimas; mamas e cus. *Memes* com personagens de animação a contar piadas sobre o Holocausto, para cativar um público mais jovem. Azi sempre pensou que era um tipo cínico, mas a cada nova conversa aprende coisas que não lhe agradam muito, quer sobre os outros quer sobre si próprio.

Há dias em que mais parece que a sordidez se aloja dentro das suas órbitas, deixando marcas que nenhum duche consegue apagar. Mas há dias, dias piores, em que mal repara no atrito entre a vida e o ecrã.

Estamos em setembro de 2013. Jim apresenta-se como vendedor e comprador de determinados artigos. A sua reputação começa a consolidar-se, sustentada por ações e provas cuidadosamente coreografadas. Revela-se digno de confiança — e a confiança é o maior trunfo no que toca à tecnologia do século XXI. Qualquer principiante consegue piratear uma máquina. É possível descarregar e ativar *ransomware* equipado apenas com um motor de busca e desprezo pela humanidade. O que Azi faz é piratear a mente, a fé, a crença. Convence o mundo a sussurrar-lhe os seus segredos.

Outubro, novembro, dezembro, nasce um novo ano. O rosto no passaporte e na carta de condução falsos, bonito com a sua linha do maxilar perfeita, é mais fácil de encontrar e é mais credível do que o de Azi. Jim tem amigos no *Facebook*, «gostos» no *Instagram*, recomendações no *LinkedIn*: plataformas onde Azi não existe. Ele é uma sombra, escondido atrás do ruído.

O mundo confia em poucas coisas mais profundamente do que nas aparências. E ainda bem que assim é — porque Azi conta com a sua ignorância. Jim é alto, branco e ébrio com a superioridade da sua raça. Azi é moreno, magro e passa a maior parte das noites às voltas numa pista de corridas até sossegar a mente ao ponto de conseguir dormir. Quando Azi sai de casa às 2h00, as pessoas aceleram o passo para o evitar ou perguntam se tem droga para vender. Quando Jim se pronuncia nas redes sociais, os cidadãos comuns e dignos fazem fila para o aplaudir. Ele e Jim formam a dupla perfeita do século XXI.

*O que eu quero*, escreve Gareth de Blackpool, de forma enternecedora, *é que uma gorda asiática me deixe esportar na cara dela*. Jim mostra-se solidário. Azi pragueja entre dentes, mastiga uma última porção de frango frio e tenta encaminhar a conversa para questões mais práticas. *Viste a cena que escrevi?*

Azi sabe que Gareth viu. Todos viram, porque tendo em conta o nível do grupo, é uma obra-prima digna de ombrear com *Dom Quixote*, *Guerra e Paz* e *O Código Da Vinci*: uma ode ao futuro brilhante e branco que os espera assim que o Defiance provar a sua força.

Gareth assume uma postura mais séria por instantes. *És o homem Jim que vai defender o que é certo*. Azi quase consegue vislumbrar as lágrimas de orgulho patriótico a escorrerem pelo rosto de Gareth e tenta corresponder com igual medida de solenidade. *Alguém tem de dizer as cenas como elas são lol alguém tem de dizer a verdade sobre as bichas judias*. Azi olha para o ecrã e, com repulsa, dá por si a sentir-se orgulhoso da sua prosa.

Escreveu 400 palavras de uma invetiva fascista mal disfarçada, inspirada num famoso guia de estilo de supremacia branca que incluía pérolas como «múltiplos inimigos pode ser confuso, por isso não compliquem e culpem sempre os judeus» e «não há mal nenhum em dizer que as cabras feministas judias estão mesmo a pedir para serem violadas, desde que não ameacem fazê-lo vocês mesmos». As reflexões finais de Jim sobre os valores cristãos tradicionais calaram fundo sobretudo junto dos elementos britânicos mais fanáticos do Defiance.

Azi respira fundo, escreve uma despedida sentida — *fica bem otário lol* — e termina a sessão. Está quase na hora. Gareth e outros fizeram apresentações, recomendações discretas. Tudo parece bater certo em Jim, e os membros hierarquicamente superiores da organização estão cientes de que ele tem algumas competências tecnológicas, formas de obter certas coisas, e muitas questões que não tenciona solucionar de forma amigável. Enviou cópias dos seus documentos, do seu historial, imagens adulteradas da sua comparência em comícios. É genuíno.

Mais algumas semanas. É tudo aquilo de que Azi precisa. É o tempo que tem de aguentar.

## CAPÍTULO 3

Tal como os alpinistas, os piratas informáticos aceitam desafios simplesmente porque eles existem. Quanto mais vertiginoso é o alvo, melhor, com louvores adicionais se for a primeira pessoa a plantar a bandeira. Azi foi pioneiro em muitos aspetos no seu tempo, mas um dos seus ataques preferidos continua a ser aquele que foi feito ao casino que ele e Milhon piratearam através de um aquário.

Milhon tem um particular interesse em tecnologia de jogos de azar: ela já falou vezes sem conta com Azi sobre os meandros da indústria, e foi ela quem sugeriu o alvo. Mas foi ele quem descobriu a vulnerabilidade: fruto não dos vetores habituais do software desatualizado, dos funcionários descontentes ou de uma ligação em rede insegura, mas da sede do casino por novos brinquedos brilhantes.

E o aquário em questão era extremamente brilhante. Os seus 50 mil litros de água albergavam 500 peixes tropicais, incluindo dois tubarões-martelo, além de uma enorme quantidade de corais criados a custo e um navio pirata afundado. Adornava a entrada do casino com um azul profundo, induzindo o tipo de assombro pueril concebido para tornar a perda de quantias avultadas algo

divertido. O aquário também estava equipado com os mais recentes sensores de monitorização da água — que, descobriu Azi com agrado, estavam cerca de dez anos atrasados relativamente às tecnologias de segurança mais recentes.

Era evidente que nunca passara pela cabeça de nenhuma das pessoas que tinham construído ou adquirido aquele aquário enorme e extravagante que alguém pudesse penetrar no seu sistema — ou que seria uma má ideia controlar os sensores através de um computador ligado à principal rede do casino. Era uma porta aberta, à espera de ser empurrada.

A partir do conforto do seu barracão, Azi penetrou no cérebro minúsculo dos sensores sob a forma de uma crise de oxigenação da água — e daí passou para tudo o resto. Ele e Milhon trabalharam noite dentro, debatendo a punição merecida do casino, mantendo-se afastados de algo tão grosseiro como a criminalidade. Na manhã seguinte, todos os ecrãs no edifício alertavam os visitantes para o facto de as apostas daquele dia terem uma garantia de reembolso e direito a dois peixes grátis. Fóruns de discussão de todo o mundo fervilharam durante semanas com conversas sobre a mais recente proeza de AZ.

Isto foi em 2012: nos primórdios da Internet das Coisas, antes de os piratas começarem a controlar dispositivos vulneráveis às centenas de milhares. Atualmente, graças ao pressuposto de que ligar tudo entre si e tudo à Internet é uma boa ideia, o mundo é uma terra de ninguém de dispositivos «inteligentes» inseguros, incluindo televisões, chuveiros, frigoríficos, máquinas de lavar, impressoras, tomadas e brinquedos infantis. Azi tem uma regra de ouro no que toca a esta visão específica do futuro. Se alguém descreve um frigorífico ligado à Internet como algo mais do que uma inutilidade na paisagem tecnológica, essa pessoa não sabe o que diz.

Azi não sabe ao certo se se tornou mais cínico nos últimos anos ou apenas mais esclarecido em relação ao que o irrita:

os proverbiais fortes que maltratam os fracos, as proverbiais grandes empresas a explorar tudo aquilo em que tocam, a gentrificação de Londres, ruínosa para a carteira, que faz com que no centro de Croydon a escolha não vá além de Starbucks ou Costa. O que Azi sabe é que adora um bom desafio — e que um desafio com o benefício de prejudicar sacanas racistas é quase impossível de resistir.

Os neonazis estão preparados para lhe dar privilégios administrativos, mas, até que isso aconteça, não há grandes movimentações na frente ocidental branca — à exceção das diatribes parodísticas que o seu alter ego tem de publicar várias vezes por semana.

Eis senão quando, assim do nada, chega um novo pedido, com origem conhecida.

*AZ, alinhadas num desafio? Dás-me uma ajudinha?*

Azi sorri. Sigma pode distraí-lo quando quiser.

*Faço tudo por ti, Sigma. Está na altura de vestir a capa, DDoS<sup>1</sup> contra a injustiça?*

*Desta vez, não. Preciso de um favor sério. Aviso já: aquilo é escuro. Não me chateio nada se quiseres saltar fora.*

AZ e Sigma interagem há coisa de um ano, mas parece que se conhecem há mais tempo. O tempo corre de maneira diferente online. A intensidade é mais importante do que a duração — e eles já passaram por muito. Ataques de negação de serviço, na vertente ofensiva e defensiva. *Spammers* e criadores de *bot* anulados. Sublevação civil facilitada. Pedófilos expostos. Referências da cultura pop trocadas à saciedade. Tanto quanto pode confiar em alguém, Azi confia que Sigma seja o que os seus atos sugerem — competente, fidedigna, idealista a roçar o fanatismo. É pouco provável que ela dissesse que está em apuros se não fosse mesmo verdade. Hesita apenas o tempo suficiente para parecer sério.

---

<sup>1</sup> DDoS (*Distributed Denial of Service*) — Ataque de negação de serviço. [N. T.]

*Por ti, claro. Não vou a lado nenhum. Envia e partilha. Não pode ser assim tão mau.*

O último comentário é pura bazófia, porque ambos sabem que a resposta só pode ser uma. Por pior que imaginemos que seja, a realidade é sempre pior. Quando as pessoas julgam que conseguem sair impunes de tudo, tentam sair impunes de tudo. É essa a regra.

*Tu é que pediste. Isto é uma má notícia para o mundo, e pior ainda para mim. Não demores muito.*

Azi respira fundo, serve-se de um café acabado de fazer e encaminha o cursor para o link que Sigma lhe enviou. No exterior, para lá da única janela do barracão, sem que ele dê conta, os últimos resquícios do fim do dia mergulham na escuridão.

Investigar a pesquisa de Sigma em segurança significa entrar numa máquina virtual — um computador simulado que opera no interior do verdadeiro, idêntico em termos de software, mas sem acesso a nada que possa ser atacado ou subvertido. Azi costuma pensar que é como pôr uma pessoa numa prisão igual à sua casa enquanto está a dormir: enquanto não começar a bater nas janelas, não há como saber a diferença.

Uma dezena de ficheiros são descomprimidos: muito menos do que ele esperava. No topo está um ficheiro de texto criado por Sigma, supostamente com as suas conclusões. Azi deixa esse ficheiro para o fim. Quer formar as suas próprias primeiras impressões.

O ficheiro seguinte é um PDF com a edição especial do Ramadão de uma revista de propaganda da República Islâmica. É estranhamente inofensiva, tendo em conta o assunto: o formato é insípido e lustroso, o tom de um proselitismo a toda a prova. Os artigos vão alternando entre as justificações canónicas para a *jihad*, descrições heroicas de combatentes e imagens idílicas do quotidiano da própria República. É quase insipiente, se ignorarmos os incitamentos à morte.



Muito mais interessantes são os cinco ficheiros seguintes: e-mails e registos de mensagens que contêm trocas frustradas entre os editores da revista e os seus superiores. A meio de um debate multilingue particularmente aceso sobre o nível de instrução dos seus leitores (*simplifica*, parece ser a mensagem de base, *porque muitos irmãos estrangeiros são idiotas*), Azi percebe o que tem em mãos.

Os ficheiros foram retirados de um lote de documentos famosos divulgados em meados de 2013 a partir da República Islâmica. Na altura, pensou-se que teriam origem num informador descontente. Vários serviços de segurança (juntamente com todos os freelances curiosos do ramo) escrutinaram-nos em busca de revelações antes de os considerarem pouco relevantes: úteis apenas como base para *memes* sarcásticos sobre as convulsões internas do estado terrorista. O próprio Azi analisou alguns desses documentos, fascinado pelos pormenores que podiam ser depreendidos das versões das histórias em *Microsoft Word*. E daí seguiu para Jim, os neonazis e o abandono paulatino do trabalho remunerado.

Porém, os últimos ficheiros do pacote de Sigma eram diferentes. À primeira vista, Azi não percebeu que interesse poderiam ter para alguém. No ecrã, viam-se apenas algumas tretas incompreensíveis, supostamente encriptadas, seguidas de uma breve lista separada por vírgulas de nomes e números. Sardar Kerr, 475 000. Mahmud Harrison, 850 000. Ziad Hussein, 1 255 000. E por aí fora. Porque é que alguns lhe pareciam familiares?

Bastou um minuto para perceber. Constavam todos da revista que tinha acabado de ver: soldados mortos, atiradores furtivos, bombistas suicidas elogiados pelos seus feitos. No total, o documento separado por vírgulas inclui 50 nomes. Verifica duas vezes, alternando entre caixas de pesquisa. Todos eles morreram a dada altura no ano anterior, e todos eles têm associado um número de seis ou sete dígitos.

Acelerando o passo, ciente de que o tempo pode ser escasso, Azi abre os últimos ficheiros. Também estes são diferentes. Parecem ser oficiais, recolhidos e compilados a partir de diversas fontes: cadernos eleitorais, listas telefónicas, registos públicos. Deve ser algo que foi criado por Sigma, ao longo de várias semanas. Porquê?

Num impulso, Azi abre uma nova caixa de busca e começa a escrever. Sardar Kerr. Mahmud Harrison. Há múltiplas entradas para cada nome, anexas a página após página de documentação oficial: imagens, contactos, links atualizados. Sigma recolheu cópias de coisas que não encontramos por aí e fez um cruzamento meticoloso com a sua pesquisa inicial. Passaportes franceses e alemães, nomes, moradas. Os nomes são diferentes nos documentos oficiais, mas as caras são as mesmas — e, à medida que Azi vai lendo, a ligação torna-se clara.

Cinquenta mártires islâmicos regressaram do mundo dos mortos. As suas mortes foram amplamente publicitadas. Mas a conclusão em que a pesquisa dela lhe pede para acreditar é que tudo não passou de um embuste — e que eles foram silenciosamente integrados no coração da Europa. É absurdo. Contudo, ela disponibilizou os links, ligações às suas provas em bases de dados governamentais, cadernos eleitorais — coisas que nem Jim, o seu alter ego cuidadosamente composto, tem. Azi escreve alguns dos novos nomes em vários *websites* oficiais, um de cada vez. São verdadeiros.

Faz uma pausa. É possível que ela tenha falsificado o que está a ver. Mas com que propósito? E o que dizer dos números de seis dígitos associados a cada nome? Só podem significar uma coisa. Dinheiro. Mas mesmo os passaportes falsos de alta qualidade são comprados por dezenas e não por centenas de milhares de dólares. A que tipo de instituição é que um estado terrorista estaria disposto a pagar mais de um milhão de dólares por pessoa — e como é que até mesmo as melhores

falsificações conseguiram corresponder aos dados biométricos de identidades verdadeiras?

Se tudo o que Sigma enviou for o que parece, as 50 identidades falsas são efetivamente genuínas — indistintas das reais. A República Islâmica não devia ter acesso àquele tipo de competências. Ninguém devia — porque significa que alguns dos sistemas mais seguros e sigilosos do mundo foram postos em causa, e os resultados vendidos no mais negro dos mercados negros. E ninguém percebeu nada.

Por fim, Azi abre o ficheiro criado por Sigma. Tem apenas algumas linhas de texto, mas fá-lo recostar-se violentamente na cadeira.

*Os nomes, o dinheiro, a causa. Estás a ver o mesmo que eu? Eles descobriram-me. Não sei em quem confiar, AZ. Eles estão próximos. Isto é Gomorra, tenho a certeza.*

Gomorra. Um nome sussurrado nos limites dos fóruns mais perversos: um local que as piores pessoas sonham visitar. O remate das piadas sobre coisas que nem a Darknet comercializa. Todos sabem o que se fazia em Sodoma, mas o que se passava em Gomorra? *Enxofre e fogo. Elevou-se da terra um fumo semelhante ao fumo de uma fornalha.* São as últimas palavras da Bíblia sobre essa questão, mas algures na escuridão há muito mais para dizer. Um mercado para almas martirizadas, para a vida e para a morte. O único local que ambos sabem que pode ter vendido o que ela associou a um estado terrorista.

Passou uma hora desde que Azi abriu os ficheiros de Sigma. O café está frio, a noite que caiu na cidade traz-lhe apenas o som ténue de carros, comboios, vozes, sirenes. O ecrã aguarda a resposta de Azi.

*Muito bem, já percebi. Percebo aonde queres chegar. Como podes ter a certeza? De onde surgiu a lista — a ligação que dá credibilidade à tese? Quem diz que não é ficção, desinformação, uma piada orquestrada por alguém?*

Sigma responde de imediato, à velocidade da fala.

*Não sei se devia contar-te. Ainda não, só quando tiveres noção daquilo em que te estás a meter. Sou procurada.*

*Merda. A sério?*

*Exposta. Disfarce descoberto. Estou a escrever numa rede de wi-fi grátis.*

*É mau?*

*Estou viva, por isso ainda não sabem onde estou. Queria que viesses, AZ. Resta saber se posso confiar em ti.*

*Sabes bem que sim.*

*Eu sei, AZ. Mas esta é a minha vida, estamos a falar de mim. É por isso que pergunto — posso confiar em ti? Porque, em breve, acho que vou precisar de um amigo a sério. Na vida real. Quero um encontro.*

Azi não responde. Não é o tipo de conversa que devia estar a ter — a menos que não dê valor à vida. Ultrapassados certos limites, a confiança deixa de ser uma questão. É este o limite. Tem a ideia de que Sigma é uma mulher britânica, tal como ela parece acreditar que ele é um homem britânico. Mas ele também está ciente de que «ela» pode ser um tipo todo suado a comer *Doritos* de cuecas a tentar dar a volta à cabeça de AZ — e essa é apenas uma em dez mil hipóteses, nenhuma delas passível de ser descartada. A vida real é uma zona interdita.

Ele olha para as mãos, demorando algum tempo a escrever e rescrever a sua resposta. Tenta não pensar naquilo que possam estar prestes a fazer-lhe.

*Se puder ajudar, ajudo. Mas sem nomes, sem pormenores. Sem encontros. Longe do ecrã não sou nenhum herói.*

*Uma pausa do lado dela.*

*Obrigada, AZ. Não posso pedir mais. Fica bem. Apita se mudares de ideias. Tenho de ir. Literalmente.*

Azi respira fundo. Pode começar a escavar. Está ansioso por começar a meter o nariz onde não é chamado. Sigma mereceu a sua ajuda e ele quer confiar nela — seguir a sua ligação até onde ela possa ir. Mas tem regras, e cumpri-las é a única forma

de garantir a sua segurança. Salvaguardar tudo, não confiar em ninguém. Se necessário, assistir a alguns episódios antigos de *Ficheiros Secretos* para entrar no espírito da coisa.

Seja verdade, mentira ou algo entre as duas, esta questão transpira perigo — já para não falar na possibilidade muito concreta de danos físicos. Azi Bello faz pairar um último dedo sobre o teclado, faz uma pausa e depois clica. As mensagens desaparecem.

Passam cinco minutos. Despeja água a ferver sobre um novo filtro de café moído, inicia a sessão como Jim e contempla uma última atualização do dia — talvez uma diatribe homofóbica, para variar.

E depois alguém bate três vezes à porta do barracão de Azi.

## CAPÍTULO 4

Azi fecha de rompante um dos vários portáteis abertos que estão a funcionar em paralelo com os seus outros sistemas. Este é um dos dispositivos de segurança que implementou para bloquear e encriptar todos os dispositivos nas suas redes. Os ecrãs que estão em cima da secretária ficam a negro. Uma série de telemóveis e tablets dispersos emitem um sinal sonoro e depois emudecem. Até a música para.

Simultaneamente, com muito menos eficácia, gira sobre a sua cadeira com força suficiente para derramar café frio por todo o barracão num movimento centrífugo. O barracão mede três metros por um e oitenta, e todas as superfícies que não se destinam a fazer café se encontram atulhadas com detritos digitais, o que significa que este movimento destrói várias centenas de libras de circuitos expostos. Contudo, isto não incomoda imediatamente Azi, uma vez que ele está demasiado ocupado a olhar para a mulher elegantemente vestida que surgiu na sua porta agora aberta e que olha para ele, com os braços cruzados, como se fosse um animal no jardim zoológico.

— Eu disse-lhes que entornarias o café, Azi. Mas fizeste aqui um belo estrago.

Ela tem cabelo curto liso e o tipo de sotaque inglês que Azi associa a pivôs de telejornal — se as pivôs de telejornal também transmitissem uma sensação de «não te metas comigo». Obviamente, precisa de melhorar o seu grau de prontidão e adequação generalizada para lidar com este tipo de situações. Obviamente também, não tem os meios nem a vontade para concretizar esse desígnio.

— Quem é você? O que faz em minha casa? Ou melhor, no meu barracão...

Azi começa a levantar-se, procura um punhado de palavras adicionais que a sua garganta transforma em grunhidos e depois toma a decisão de voltar a sentar-se e fechar os olhos na esperança de que tudo volte à normalidade se deixar de ver o mundo por instantes. Infelizmente, continua a conseguir ouvir.

— Azi Bello, é um prazer conhecer-te finalmente. Sinceramente, adoramos o teu trabalho. Aquela cena com o aquário, a tua recente infiltração junto de um pequeno grupo de neonazis. Mas agora atingiste o ponto de intervenção, porque o pedido que acabou de cair na tua secretária é de especial interesse para mim e para os meus colegas.

Azi passa uma mão pelo cabelo e engole. Em seco.

— E em que departamento é que trabalha, ao certo?

Mesmo enquanto pronuncia as palavras, ele julga saber. Não há muitas coisas que despertem este tipo de atenção num pirata informático — e ele não está em nenhuma delas. Exceto, desde há uma hora, no grande «T».

Ele tem a certeza de que o seu sistema é seguro. O que significa que devem ter estado a observá-lo de outra forma. E devem ter estado a observá-lo há já algum tempo. Mas a primeira vez que ouviu falar em algo relacionado com terrorismo foi através de Sigma, agora mesmo, por isso deviam estar a observá-lo a *ele* por causa *dela*. E isto sugere que algumas das piores hipóteses que contemplou estão agora a concretizar-se em paralelo.

Por esta altura, a mente e a pulsação de Azi estão a mil. A mensagem de Sigma não dava a entender que ela estava a fugir de uma série de indivíduos com intuitos violentos? Será que este ataque à sua Fortaleza da Solidão não teria nada que ver com questões oficiais e tudo que ver com alguns profissionais versados nas táticas de interrogatório, tortura e eliminação de cadáveres? Tendo isso em conta, algumas palavras ponderadas pareciam ansiosas por aflorar aos seus lábios...

— Oh, foda-se, foda-se, foda-se... Por favor, não me mate. Eu não sei de nada, juro! Posso contar-lhe tudo o que sei. O que não é muito. Oh, merda! Vou morrer, não vou? No meu próprio barracão!

— Não, nada disso.

— Diria isso mesmo que tivesse intenção de me matar, não é verdade?

A mulher suspira, inspira ligeiramente e depois abre a segunda cadeira de Azi, sentando-se à sua frente, de pernas cruzadas nos tornozelos como se fosse a Duquesa de Cambridge a assistir a um desfile de veteranos e miúdos da escola. O seu rosto está muito próximo do de Azi, mas, tendo em conta o espaço, isso podia ser tanto por necessidade como intencional.

— Azi Bello, tens mas é de parar de falar e começar a ouvir. Fizeste merda e eu estou aqui para te dizer o que vai acontecer a seguir. Nem penses em discutir, tentar fugir ou fazer qualquer outra coisa além de disponibilizar a tua participação dócil nesta conversa.

Sem alternativa, Azi obedece. A mulher sorri. Não é um sorriso agradável, mas também não é abertamente homicida. Ele devolve-lhe o sorriso. Sente o cheiro do café a secar na roupa. *Porque é que o café cheira tão bem quando o torramos e tão mal passado algum tempo? Será que ela está tão agoniada com o cheiro como ele? Deveria oferecer-lhe um café?* Talvez esteja apenas a fazer todos os possíveis para não pensar no que vai acontecer a seguir.



— O meu nome é Anna. Agora que estamos calmamente sentados, as pessoas que nos estão a observar no interior de uma carrinha estacionada aqui perto vão ficar um pouco mais satisfeitas. Vão permanecer assim desde que fiques sentado, acenes com a cabeça e ouças. Entendido?

Azi fica sentado, acena com a cabeça e ouve. *Pensa, diz-lhe o cérebro. Pensa. Pensa. Estás em choque, estás em pânico. Não faças isso. Respira, para. Estabelece contacto visual. Diz qualquer coisa.* Ele tenta dar um gole no café, mas lembra-se de que o espalhou pelo barracão todo. Por isso dá um gole na borda da sua chávena vazia. É só estilo.

— Eu sei — diz-lhe Anna. — Estás a tentar adivinhar o que eu sei, o porquê da minha visita. O que podes dizer sem te enterrares ainda mais. — Ele encolhe-se e ela volta a suspirar. — Escolhi mal as palavras. Ninguém vai matar ninguém... pelo menos se pudermos evitar. Nem imaginas a sorte que tens por esta reunião estar a decorrer num ambiente tão aprazível. Nem sequer estou aqui para te prender. Estou aqui porque vais fazer algo por mim.

— Sim, claro. Aceita um café? Estava a fazer café quando... bateu.

— Mas que simpático. Deixa-te estar, eu sirvo-me.

Assim faz, virando-se sem se levantar da cadeira. Os seus movimentos são ágeis e naturais — como se conhecesse o interior do barracão de cor. O mais certo é conhecer mesmo. Com a voz entrecortada, Azi procura saber que revelações potencialmente danosas acabaram de entrar no seu barracão.

— Como é que me encontrou?

— Essa é a primeira coisa que todos querem saber. A resposta é sempre a mesma. Nem penses que vou dizer-te. Há anos que estamos a par do AZ, mas o que interessava era fazer as ligações. Entre AZ e Sigma. Entre AZ e Azi Bello. Confesso que essa parte não foi fácil, graças ao teu admirável profissionalismo, mas...

— Mas?

— As pessoas inteligentes são sempre estúpidas à sua maneira. A tua ligação sentimental a este local deixou-te ficar mal. A casa, o jardim, o barracão. Temos estado a fazer uma vigilância à moda antiga. Tendo em conta que tens tanto de amador em termos de segurança física como de profissional nos aspetos digitais, optámos por algumas câmaras minúsculas de alta resolução no teu telhado. Resultou na perfeição.

Outra vez aquele sorriso.

— No meu telhado. — Azi olha para cima, como se identificar corretamente o telhado lhe valesse pontos de bónus.

— Sim, no teu telhado. Diretamente por cima da tua secretária. Porque havemos de nos preocupar em atacar um sistema de informação bem defendido se podemos registar todos os cliques e palavras escritas pela pessoa? — indagou, encolhendo os ombros.

— Bem, oxalá tivesse pensado nisso.

— Deveras. Temos tudo, registado, inscrito, reproduzido. Todos os teus segredinhos.

Há um riso mal contido na voz de Anna e o cérebro de Azi mergulha no seu estômago, fazendo uma pausa para sussurrar: *Estás bem fodido, mas não te preocupes; vou voltar com um plano de génio assim que lidar com a questão muito séria de garantir que não borras as calças.*

— Sabemos tudo sobre ti, Azi, ou pelo menos tudo o que precisamos de saber. A maior parte é boa, grande parte é um pouco preocupante. E algumas partes, estou certa de que sabes quais, são tão impressionantes que não podíamos entregar-te nas mãos do sistema legal mesmo que quiséssemos. Se bem que alguns amigos nossos ficariam radiantes se isso acontecesse, dos dois lados do Atlântico.

Mais depressa do que o esperado, o seu cérebro regressa com algumas frases coerentes.

— Muito bem, deixe-me ver se percebo. Não me vai prender. Está aqui sentada a beber café quando podia estar a atirar

comigo para as traseiras de uma carrinha sem janelas. Por isso deve estar em causa algo muito importante. — Azi recua. Afinal de contas, saber o que as pessoas não vão fazer não é um bom indicador do que se vai passar a seguir. — O que querem de mim? Porque estão tão interessados na Sigma?

— Há coisas que posso contar-te e coisas que não. Por favor, não me faças perder tempo com perguntas sobre a segunda categoria. Sim, estamos muito interessados na pessoa que dá pelo nome de Sigma. Há meses que esperávamos que ela recorresse finalmente a ti... que fizesse o que acabou de fazer e te pedisse ajuda. Infelizmente, disseste-lhe que não estavas disposto a sair de trás do teu teclado. Mas não te preocupes, vamos alterar isso.

— Perdão?

— Vais enviar uma mensagem à Sigma. Agora. Vais marcar um encontro com ela.

O pedido está tão longe de tudo o que Azi contava ouvir que ele perde momentaneamente o medo.

— Porque haveria de fazer isso? Porque haveria de querer que fizesse isso?

— Lembras-te do que te disse sobre as perguntas? Vou ser muito clara e direta, Azi. Esta jovem, e, sim, é uma mulher, é extremamente importante para nós, e tencionamos usar-te para ficarmos a conhecê-la um pouco melhor. És um ativo valioso. Como é que isso te faz sentir?

— Gomorra. É isso que está em causa.

— Não quero voltar a ouvir-te dizer essa palavra em voz alta. Nunca mais. Não sabes no que te estás a meter. Se eles estivessem aqui sentados no meu lugar, terias minutos de vida. E, acredita, não seriam minutos felizes. Munira Khan. É como ela se chama. Tenho a certeza de que te vai dizer. Está a ficar desesperada... e vais ser a única coisa de bom que lhe aconteceu nos últimos tempos. É tudo o que precisas de saber por ora.

— Não. Nem pensar. Eu não monto armadilhas. — Até a palavra lhe sair da boca, Azi não se apercebera da convicção das suas palavras. Fosse Sigma quem fosse, merecia um amigo melhor do que ele, mesmo que as suas pretensões de superioridade moral fossem muito ténues.

Anna olha para ele com firmeza, e a seguir assume um tom de voz quase conspirativo.

— Azi, estamos do mesmo lado. As pessoas que queremos travar são piores do que a arraia-miúda que tens tentado aliciar, aqueles que brincam à supremacia branca a partir do quarto. Estas são pessoas a quem os teus nazis de fraldas sonham recorrer para aprender algo. Estamos a tentar salvar a Munira... e mais tarde poderei dizer-te mais sobre quem «nós» somos. Sinceramente, já é uma grande prova de confiança pedir que nos ajudes desta forma. Sei que gostas de te ver como um tipo bom. Esta é a tua oportunidade de fazer a diferença. Toma.

Sem grande fanfarra, Anna leva a mão ao bolso do casaco e entrega-lhe um molho de papéis. Há uma frase escrita na primeira página. *Victoria Station, amanhã, 10h00*. Azi abre a boca e fecha-a de imediato. Nada do que ele disser vai melhorar a situação, mas tem um pressentimento de que pode piorar consideravelmente. Anna bate na secretária.

— É o local e a hora para o vosso encontro. Não sabemos ao certo onde ela está, mas estamos certos de que vai ter contigo. Nos dias que correm, usamos a fé contra a fé. As informações mais preciosas estão dentro da cabeça das pessoas. E, como bem sabes, a mensagem mais segura é aquela que não passa pela tecnologia. Vozes e caras, apertos de mão e espaços públicos à pinha.

Com um último gole da sua chávena, Azi reúne as forças que lhe restam.

— E então? Tem informações suficientes no seu sistema de vigilância para me enviar para a prisão se não a ajudar. E está aí sentada, a beber o meu café, à espera de que eu acene com a

cabeça e agradeça a oportunidade para me juntar aos Serviços Secretos de Sua Majestade, ou sejam lá vocês quem forem, em vez de estar às suas ordens? Como é que sei que não vão matar a Sigma assim que a virem? Como é que sei que não vamos morrer os dois assim que nos encontrarmos?

Anna encolhe os ombros.

— Não sabes. Não interessa, porque não te estou a dar uma alternativa. Vais prestar atenção a tudo aquilo que te dissermos e vais fazer tudo o que estiver ao teu alcance para nos ajudares. Viste o que a Sigma te enviou. É tudo verdadeiro, e nós estamos a tentar travá-los. Bem vistas as coisas, devias agradecer-me. Nem que seja por lhes ter dito para deixarem qualquer coisa nas tuas contas bancárias.

Azi ergue a cabeça em pânico.

— O quê?

— Eles queriam esvaziá-las, mas eu disse-lhes que podíamos confiar em ti ao ponto de lá deixarmos qualquer coisinha. Serás reembolsado a seu tempo; entretanto, não queremos que disponhas de muitos recursos. Considera isto uma prova não invasiva da nossa seriedade. E depois considera todas as outras formas que podíamos ter usado para provar isso mesmo.

O silêncio instala-se enquanto Azi olha em volta para o sítio que é o cerne da sua vida há mais de duas décadas. Os pósteres de bandas a descolar. Os dizeres antigos que transformou em postais. Gandalf em lego, a guardar a prateleira do servidor. Aos olhos de um estranho, tudo aquilo deve parecer muito patético. É o problema de perder o hábito de ver as coisas: não impede os olhares críticos do mundo.

— E se eu recusar? — pergunta. — E se eu sugerir à Munira, se ela aceitar encontrar-se comigo e se for efetivamente ela, que estamos em apuros e que o melhor a fazer é fugirmos?

A mulher cujo nome podia ser qualquer um menos Anna esboça um sorriso afável e estende o braço por cima da secretária para lhe apertar a mão.

— Ambos sabemos que não farás tal coisa. Foi um prazer conhecer-te, Azi. O meu colega virá ter contigo em breve e depois sugiro que tomes um duche. O cheiro do café é muito desagradável.

E, com isto, vira costas e sai.

# CONTROLE A INTERNET CONTROLE O MUNDO

Azi Bello é um pirata informático de elite que trabalha sozinho e que não dá satisfações a ninguém. Até que a sua existência online colide com o mundo real, e a sua privacidade, cuidadosamente construída, é sacrificada, quando Munira Khan, outra pirata informática, o procura a pedir ajuda.

Munira é uma muçulmana intrigante cujos primos foram recrutados por terroristas. Na sua tentativa de descobrir mais, atraiu a atenção de gente muito perigosa. A história desperta o interesse de Azi, que agora, com Munira, se vê obrigado a fugir e é arrastado para uma conspiração, no coração da qual está Gomorra, um mercado online exclusivo e ultrassecreto onde, com os contactos certos, tudo pode ser adquirido: drogas, armas, identidades... e até vidas e mortes.

Ao embrenhar-se no lado mais sombrio da Internet, Azi constata que os riscos são demasiado altos quando já não se encontra atrás de um ecrã. Até onde estará ele disposto a ir para desvendar os segredos mais obscuros de Gomorra?

«Chatfield apresenta-nos um cenário letal, passível de ser criado por piratas informáticos engenhosos que procurem dominar o mundo. Um thriller imparável que irá deleitar os fãs de tecnologia.»

*Booklist*

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

2020 editora

ISBN 978-989-668-632-1



9 789896 686321

Thriller